

## **MAPEANDO VIVÊNCIAS: A LINGUAGEM CARTOGRÁFICA E O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO ESPACIAL<sup>1</sup>**

Marcelo Freire Simões Pires<sup>2</sup>  
Thomas Kaue Pias Vidal<sup>3</sup>  
Raphaela de Toledo Desiderio<sup>4</sup>

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem como foco colocar em exposição e debate a importância da cartografia escolar no ensino de Geografia na educação básica. Para essa discussão, tomamos como base uma experiência realizada em uma das escolas parceiras do núcleo Geografia Erechim/RS no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental II.

A experiência com a cartografia escolar aconteceu em parceria com o professor supervisor do programa na escola. Acompanhamos diversas atividades na turma, e nesse texto, tratamos especificamente da elaboração de um croqui enquanto a classe contornava a quadra da escola sob a supervisão dos alunos do curso de licenciatura em Geografia presentes.

A atividade teve como objetivo principal analisar as representações espaciais construídas pelos estudantes sobre o entorno escolar. Buscou-se, também, estimular momentos lúdicos de aprendizagem em Geografia, fortalecer a relação entre o conhecimento escolar e as experiências cotidianas individuais e coletivas, desenvolver capacidades cognitivas ligadas à compreensão, decodificação e representação por meio da linguagem cartográfica, ampliar as formas de comunicação dos educandos e fomentar o raciocínio lógico e o pensamento espacial geográfico.

Embasados nas leituras de pesquisadores da área da Geografia como Almeida (2015), Cavalcanti (2010), Castellar (2020) e Francischett (2007), em conjunto com a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), procuramos demonstrar a importância de conteúdos relacionados à cartografia no componente curricular de Geografia no Ensino Fundamental II no Brasil. Francischett (2007) destaca a importância da linguagem cartográfica como meio de expressão e interpretação espacial. Simielli *et al.* (2020) afirmam a linguagem cartográfica como ampliação das formas de comunicação dos estudantes e Almeida (2015) aponta a cartografia escolar como ferramenta para o desenvolvimento do raciocínio lógico e do pensamento espacial na formação geográfica dos educandos.

Através da atividade de elaboração do croqui do entorno da escola foi possível perceber que os estudantes compreenderam na prática, elementos que

---

<sup>1</sup>Agradecemos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pelo fomento da bolsa de pesquisa de ensino.

<sup>2</sup> Acadêmico(a) do Curso de licenciatura em Geografia – 5º Fase. Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Erechim. [marcelo.pires@estudante.uffs.edu.br](mailto:marcelo.pires@estudante.uffs.edu.br)

<sup>3</sup> Acadêmico(a) do Curso de licenciatura em Geografia – 9º Fase. Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Erechim. [thomas.vidal@estudante.uffs.edu.br](mailto:thomas.vidal@estudante.uffs.edu.br)

<sup>4</sup> Profa. Dra. pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientadora. Profa. do Curso de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Erechim. [raphaela.desiderio@uffs.edu.br](mailto:raphaela.desiderio@uffs.edu.br)

foram discutidos durante as aulas teóricas. Trata-se de exercícios importantes para a construção do conhecimento geográfico a partir da linguagem cartográfica, envolvendo diferentes formas de expressão do espaço. Os croquis confeccionados pelos educandos evidenciaram diferentes níveis de percepção e representação do espaço vivido, refletindo suas experiências cotidianas e suas interpretações individuais do entorno escolar.

## **METODOLOGIA**

O presente relato é resultado de reflexões articuladas entre estudos teóricos em torno da cartografia escolar a partir de uma atividade prática. Assume caráter de estudo de caso, por focalizar uma turma específica do 6º ano do Ensino Fundamental, e de pesquisa-ação, já que integrou a ação pedagógica à investigação científica, visando transformar a realidade observada.

A abordagem adotada é qualitativa, priorizando a interpretação dos processos educacionais, com triangulação de métodos para ampliar a confiabilidade dos dados, cruzando observações em campo, análise de documentos acadêmicos — como artigos de revistas, teses e dissertações — e os próprios croquis confeccionados pelos estudantes.

Os fins da pesquisa são exploratórios e descritivos, pois buscam explorar estratégias para o ensino de cartografia e descrever fenômenos de aprendizagem identificados durante a intervenção. A escolha pela pesquisa-ação justifica-se pela necessidade de unir teoria e prática docente, sendo inerentemente conectadas, conforme defendido por Freire (1968), que argumenta sobre a indivisibilidade entre teoria e prática como princípio estruturante da sua pedagogia.

O método de estudo adotado foi o dialético, uma vez que buscou compreender as contradições e transformações presentes no processo de ensino e aprendizagem, articulando teoria e prática em uma dinâmica contínua de reflexão e ação. Nesse sentido, optou-se por socializar os conceitos básicos de Cartografia em sala de aula, deixando os estudantes livres para a produção de croquis dos arredores da escola, valorizando sua autonomia na criação de ícones, signos e formas próprias de representar a realidade escolar que vivenciam. Essa abordagem atende à competência específica nº 03 prevista para o ensino de Geografia no Ensino Fundamental II, conforme a Base Nacional Comum Curricular:

Desenvolver autonomia e senso crítico para compreensão e aplicação do raciocínio geográfico na análise da ocupação humana e produção do espaço, envolvendo os princípios de analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem. (Brasil, 2018, p. 366)

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Compreendemos que o ensino da cartografia está intrinsecamente relacionado ao componente curricular de Geografia nas escolas de Ensino Fundamental. O desenvolvimento de técnicas de leitura e interpretação de mapas de localização, mapas temáticos e croquis é fundamental para que os estudantes reconheçam a importância dos estudos cartográficos e utilizem esses instrumentos na compreensão da realidade em que vivem. Segundo Callai (2020), ensinar Geografia não é apenas transmitir conteúdos, mas sim formar um modo de pensar e perceber a realidade espacialmente.

Além disso, os valores atribuídos pelos alunos do Ensino Fundamental à descrição do mundo estão intimamente ligados à Cartografia, uma vez que a capacidade de organização no espaço é essencial para o desenvolvimento humano. O conhecimento humano é uma ferramenta que, ao longo do tempo, se qualifica, principalmente por meio da integração com o meio ambiente e com a sociedade.

Entendemos a cartografia como responsável pelos estudos voltados à representação/expressão plana do espaço geográfico e às relações naturais e sociais nele contidas. Para Kaercher (2007), a adoção da cartografia como linguagem no ensino de Geografia revela sua importância enquanto instrumento de apoio à compreensão do espaço, articulando-se com os conteúdos geográficos e permitindo a realização de representações espaciais, tendo o mapa como principal produto.

A partir da proposta de elaboração do croqui, torna-se possível pensar a criação de mapas comunitários, nos quais os estudantes possam comparar, por exemplo, a localização das unidades de pronto atendimento, da prefeitura, bem como identificar os pontos onde ocorre o descarte irregular de lixo doméstico pela comunidade.

De acordo com Kaercher (2007, p. 31), o professor fornece ao aluno a escada para alcançar a abstração e o conhecimento, mas, posteriormente, retira a escada e diz: "Vão descobrir outros caminhos. Não voltem por aqui, por esta escada, eu a retirei." Essa metáfora ilustra um modelo de estímulo que busca introduzir o discente em situações que envolvem o primeiro diálogo entre a autonomia e o senso de desafio, ou seja, criar bases para que o estudante não seja apenas um sujeito passivo no processo formativo, mas sim alguém instigado a compreender, para além dos padrões discursivos, e construir possíveis diálogos e perspectivas acerca do seu cotidiano.

Assim, reforçamos que ensinar Geografia é, antes de tudo, desenvolver o pensamento conceitual que possibilita mudanças na relação do sujeito com o mundo, generalizando suas experiências a partir do raciocínio espacial (Pinheiro e Lopes (2021, p. 5). Entretanto, para que o processo de introdução aos conceitos básicos da cartografia seja eficaz, é necessário que o professor adote uma postura que favoreça a superação do modelo tradicional de ensino, permitindo aos educandos refletirem criticamente sobre os problemas e possibilidades relacionados às suas vivências no mundo. Exemplos disso incluem a construção de narrativas que expliquem a existência da segregação socioespacial, a identificação dos rios e nascentes presentes na cidade, ou ainda a valorização de elementos históricos ao longo do território municipal.

Nesse passo, a própria BNCC (2018) possibilita esse tipo de diálogo ao fomentar práticas pedagógicas que incentivem a construção de uma cartografia crítica no cotidiano escolar, permitindo que os estudantes compreendam a complexidade das dinâmicas socioespaciais em que estão inseridos.

Ultrapassar essa condição meramente descritiva exige o domínio de conceitos e a problematização das generalizações que tomam os espaços como conjuntos homogêneos. Estes permitem novas formas de ver o mundo e de compreender, de maneira ampla e crítica, as múltiplas relações que conformam a realidade, de acordo com o aprendizado do conhecimento da ciência geográfica.

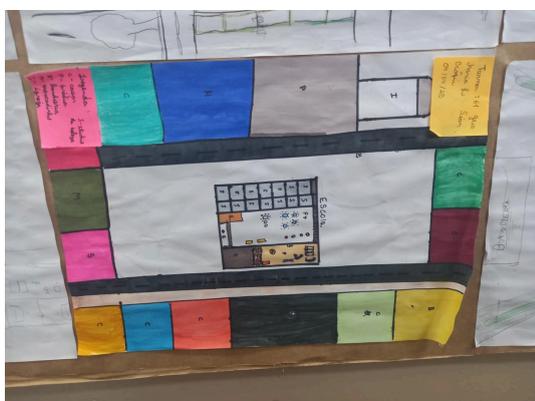
## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A realização da atividade de confecção de croquis com os estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental revelou resultados significativos no processo de apropriação da linguagem cartográfica e no desenvolvimento do pensamento espacial. Os croquis elaborados pelos educandos evidenciaram diferentes níveis de percepção e representação do espaço vivido, refletindo suas experiências cotidianas e suas interpretações individuais do entorno escolar.

Durante a atividade, foi possível observar que os estudantes, inicialmente, apresentavam dificuldades em estabelecer relações de proporção, orientação espacial e houve dúvidas de como iniciar a atividade, até mesmo questionando se deveriam representar com mais ênfase o pátio da escola e seus brinquedos e bancos ou se deveriam se aventurar em explorar formas de ver as construções exteriores ao ambiente escolar. No entanto, à medida que o trabalho se desenvolvia, os pibidianos, sob a supervisão do professor responsável pelo componente de Geografia, auxiliaram na superação das dificuldades que surgiram, indicando a importância da prática pedagógica dialógica e investigativa, conforme defendido por Francischett (2007).

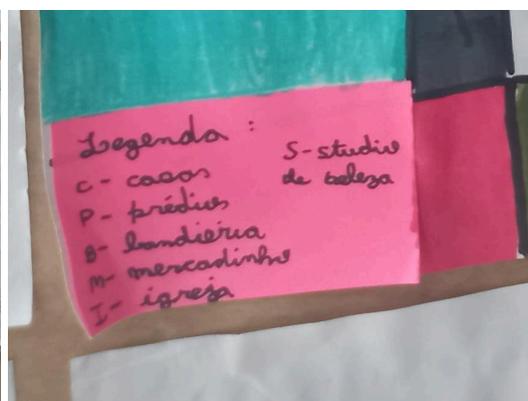
As imagens a seguir são os resultados da atividade, com um mural feito pelos estudantes com os croquis, onde conseguimos notar as diversas formas de leitura e ambientação do espaço geográfico e da paisagem urbana que eles conseguiram observar no seus cotidianos e na aula em questão. A contraposição nos transparece, que os estudantes chegaram ao resultado desejado, demonstrando as diferenciações da mesma paisagem antropológica.

**Figura 01: Resultado do croqui**



Fonte os autores

**Figura 02: Caixa de legenda**



Fonte os autores

Através da atividade de elaboração do croqui do entorno da escola foi possível perceber que os estudantes compreenderam na prática, elementos que foram discutidos durante as aulas teóricas. Trata-se de exercícios importantes para a construção do conhecimento geográfico a partir da linguagem cartográfica, envolvendo diferentes formas de expressão do espaço. Os croquis confeccionados pelos educandos evidenciaram diferentes níveis de percepção e representação do espaço vivido, refletindo suas experiências cotidianas e suas interpretações individuais do entorno escolar.

## CONCLUSÃO

Torna-se imprescindível que o professor atuante no componente curricular de Geografia esteja familiarizado com a linguagem cartográfica e reconheça sua

importância no processo formativo dos estudantes do Ensino Fundamental II. Embora a formação inicial em cursos de Licenciatura em Geografia seja essencial, é igualmente necessário que o docente esteja comprometido com seu aperfeiçoamento profissional, por meio da formação continuada e da pós-graduação, etapas fundamentais para qualificar sua prática pedagógica e potencializar a formação crítica dos alunos.

Para os estudantes, o profissional da Geografia é um agente determinante no processo de formação cidadã, pois, ao aprimorar as investigações geográficas, oferece critérios analíticos que contribuem para a compreensão dos problemas cotidianos. Dessa maneira, os estudantes são incentivados a observar, analisar e compreender as dinâmicas presentes em suas ruas, bairros e cidades. Esse movimento investigativo amplia o diálogo sobre a realidade em que vivem e possibilita tanto a denúncia de desigualdades quanto a valorização dos elementos históricos e culturais que compõem seus espaços de vida.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

CAVALCANTI, L. S.; A Geografia e a Realidade Escolar Contemporânea: Avanços, Caminhos, Alternativas. In: **ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO (ENDIPE)**, 15., 2010, Belo Horizonte. Anais [...]. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

CASTELLAR, S. M. V.; CARTOGRAFIA ESCOLAR E O PENSAMENTO ESPACIAL FORTALECENDO O CONHECIMENTO GEOGRÁFICO. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 207–232, 2017. DOI: 10.46789/edugeo.v7i13.494.

CASTELLAR, S. M. V.; DE PAULA, I. R.; O papel do pensamento espacial na construção do raciocínio geográfico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 10, n. 19, p. 294-322, jan./jun. 2020.

DE ALMEIDA, R.; A propósito da questão teórico-metodológica sobre o Ensino de Geografia. **Terra Livre**, [S. l.], n. 8, 2015. DOI: 10.62516/terra\_livre.1991.92.

FRANCISCHETT, M. N. A cartografia escolar crítica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA (ENPEG), 6., 2007, Niterói. Anais [...]. Niterói: UFF, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

KAERCHER, Nestor André. A geografia escolar: gigante de pés de barro comendo pastel de vento num fast food? **Terra Livre**, v. 1, n. 28, p. 27–44, 2007.

PINHEIRO, Isadora; LOPES, Claudivan Sanches. A Geografia na Base Nacional Comum Curricular (BNCC): percursos e perspectivas. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, n. 39, e45521, 2021.